

## **Os estrangeiros não param de chegar a Penela. “Juntos podemos fazer coisas bonitas”**

*Patrícia Carvalho - 20 de janeiro de 2024*

Os Países Baixos podem estar a tornar-se a nova coqueluche da emigração portuguesa, jovem e mais qualificada, mas há uns quantos holandeses que estão a fazer precisamente o percurso inverso, trocando o país do Norte da Europa por aldeias perdidas na serra no centro de Portugal. Como Sil von Ofweger, a mulher Anneke e os três filhos do casal, de 11, nove e seis anos, que há dois anos se instalaram no concelho de Penela e não têm planos para partir. Não são os únicos e a comunidade estrangeira no pequeno concelho interior do distrito de Coimbra não tem parado de crescer, havendo quem estime que poderá corresponder já a 10% da população total. Apostados na integração e em beneficiar ao máximo do espírito de comunidade, constituem um grupo um pouco diferente de outros que estão a procurar o campo português.

Como acontece, por exemplo, com Pedrógão Grande. Apesar de se destacar, entre os concelhos do Norte e Centro do país com menos de dez mil habitantes, como aquele que tem a maior comunidade estrangeira (esta representa já quase 19% dos habitantes do concelho), esta caracteriza-se por viver num certo isolamento em relação aos outros moradores.

Mas em Penela, com 8,2% de estrangeiros no total da população, segundo dados de 2022, foi mesmo criada uma associação de imigrantes, a PIMA, que não só ajuda a resolver os problemas mais burocráticos que possam ir surgindo, como desenvolve várias actividades que buscam a integração com os locais. E isolamento dos seus vizinhos é tudo o que Sil von Ofweger não quer.

Poder beneficiar de uma vida mais calma, ligada à natureza e ao espírito comunitário foi, precisamente, o que atraiu a família holandesa para o interior português, levando-a para a aldeia de Fetais Fundeiros, onde comprou uma casa que reconstruiu. E o holandês de 38 anos, contabilista de profissão, pede para conversar em português, falando devagar e parando várias vezes para procurar palavras na memória. A determinada altura, desiste, e muda para o inglês, mas espera que isso deixe de ser necessário em breve.

“No meio da pandemia, estávamos todos em casa e demos por nós a pensar que aquela não era a vida que queríamos. Nos Países Baixos é tudo muito caro e estávamos sempre a trabalhar. Percebemos que precisávamos de mais tempo como família, com os miúdos. Vendemos a casa, comprámos uma autocaravana e andámos a viajar pela Europa durante ano e meio. Portugal foi o último local onde parámos”, relembra.

O país não lhe era estranho – Sil e a família instalaram-se em Penela há dois anos, mas o pai dele já vive em Castelo Branco há três, onde casou com uma portuguesa. “Portugal é muito bonito, os portugueses são muito... simpáticos (esta palavra é muito difícil). Gosto das montanhas e da natureza.” Na sala de casa, com vista para o terreno das traseiras onde ainda não despontam grandes produtos (lá chegarão), mas já se passeiam algumas galinhas, o holandês desfia, assim, algumas das razões que levaram a família a optar por ficar em Portugal, embora a escolha pela aldeia de Penela tenha tido outro motivo associado: a educação das crianças.

Nenhum dos filhos do casal está em casa e a razão é simples – estamos a meio da semana e estão na escola. Não uma escola normal. A família queria que as crianças pudessem beneficiar do ensino doméstico e no Espinhal, a curta distância, há um antigo edifício escolar que agora acolhe essa modalidade de ensino. É verdade que, ali, os alunos são todos praticamente estrangeiros e as aulas são sobretudo em inglês, mas os filhos de Sil e Anneke já treinam no clube de futebol de Penela. E

Sil diz que vai insistir para que comecem a aprender português. “Eles só falavam holandês, por isso, no início, achámos que deviam focar-se no inglês, mas é muito importante falar português e estamos a pedir às professoras para falarem português com eles”, diz.

Enquanto Anneke recebe, à porta, o pão que é distribuído diariamente pelas aldeias, Sil explica que continua a trabalhar como contabilista para clientes holandeses, mas que também já abriu actividade em Portugal. E problemas financeiros não entram nas preocupações da família. “Tínhamos comprado a casa [nos Países Baixos] por 200 mil euros e vendemo-la por 400 mil. Ficámos com muito dinheiro”, explica. A isso junta-se o facto de a vida ser mais barata em Portugal e as despesas que deixaram de ter. “Aqui as coisas são mais fáceis, é como se andássemos vinte anos para trás. Toda a gente tem laranjas. Nos Países Baixos não há, por isso, se queres, pagas cinco euros por um quilo. Eu não vou ao supermercado. Quero tudo mais simples. Agora como quivis, porque tenho muitos. No chão há laranjas e, na altura certa, há uvas. No Verão, como morangos deliciosos. Quando preciso de algo, vou ao mercado, aos produtores mais pequenos”, conta.

E, depois, há a troca de serviços. Anneke está menos avançada no português do que o marido, mas também já começou a aprender. Quem lhe dá aulas é a irmã de Hagira Guiba, que se mudou para outra aldeia próxima, com o marido e os filhos, todos alemães. “Ela dá as aulas e eu levo os filhos dela ao futebol, com os meus”, explica Sil. (...)

<https://www.publico.pt/2024/01/20/sociedade/reportagem/estrangeiros-nao-param-chegar-penela-juntos-podemos-bonitas-2077304>